



IV Seminário de Comunicação e Territorialidade
“Comunicação contra as desigualdades” PósCom-Ufes –
Centro de Artes – Campus de Goiabeiras 17-18 de Outubro
de 2018

ARQUEOLOGIA E RESISTÊNCIAS - O encontro com vestígios de
passados inventados

Fabricio Fernandes

INTRODUÇÃO

A arqueologia como um método caligráfico de reescrita dos vestígios de uma vida. Abertura para o refazimento de vestígios se dando como uma nova forma de composição, para além da história dos aparatos técnicos das mídias, incluindo o suporte papel. Arqueologia e resistências, possibilidade de encontro com os vestígios de passados inventados. Entre 2015 e 2017, realizei o mestrado em Comunicação e Territorialidade pela Universidade Federal do Espírito Santo, concluído com a dissertação Arqueologia homoerrática de A Cruz na Praça - Um filme desaparecido de Glauber Rocha (1959). É este projeto que pretendo apresentar no IV Seminário de Comunicação e Territorialidades.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Inicialmente, sem saber ao certo como realizar esta pesquisa de mestrado, notei que essa jornada só poderia ser realizada se pudesse contar com o povoamento de outros

de autores, no sentido de reunir forças para descrever a perambulação homoerótica em territórios geográficos de diversas cidades e, por meio dessa historiografia da pegação, me aproximar do curta-metragem de Glauber Rocha.

Foi então ao realizar esta arqueologia que pude compreender a arqueologia como uma pesquisa que pode propor uma reflexão que contribua com rompimento dos silêncios históricos. Que tem como possibilidade vasculhar aquilo que foi extraviado, que foi apagado pela história dos poderes hegemônicos. Que foi reprimido ao longo do tempo, tornando histórico o que até então havia sido escondido da história.

Em *A Cruz na Praça*, jamais teria conseguido realizar a dissertação de mestrado, se não tivesse lidado com os vestígios como um material de incitação ao encontro, ao povoamento com outros autores, como, por exemplo, Tulio Carella, em seu diário intitulado *Orgia* (1960); se não tivesse contado com amigos e entrevistado pessoas que possuíam vestígios sobre Glauber, livros e referências; e todo um método ainda estranho e afetado de procura em relação permanente com as pulsações do coração que fizeram emergir os vestígios. No caso do filme desaparecido de Glauber Rocha, o acionador desta arqueologia foi o único fotograma do filme *A Cruz na Praça*, o qual me permitiu deslocar o desejo do eu do arqueólogo para o do próprio vestígio e sua condição de desdomesticação, como nos afirma Silvano Santiago em *Genealogia da ferocidade, Ensaio sobre Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa.

Uma arqueologia que me exigiu um engajamento e uma implicação no sentido de uma autonomia expressiva, uma liberdade de encontros e perambulações. Três movimentos em que busco uma assinatura própria no movimento de retomar a história de um filme que, de modo algum, tratei como um fóssil cinematográfico, mas como uma obra cinematográfica desaparecida que apresenta suas características geradoras de rastros e desvios em zonas não visíveis de um passado.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Cruz na Praça, um filme barroco-baiano de Glauber Rocha.

O filme teria oito minutos de transe homoerótico barroco-baiano-experimental. Hoje, é um filme desaparecido...

Territórios geográficos onde desejo e interesse, acaso e cálculo, via sistema de olhares, constituíram as marcas de uma histórica deriva homoerótica em espaços urbanos.

Carella, Bembem, Tônio... com Glauber, perambulam por territórios urbanos que resistiram ao tempo e acolheram suas personagens indóceis.

4 CONCLUSÕES

Olho mais uma vez para o fotograma: eles sorriem.

5 PALAVRAS-CHAVE

Arqueologia, práticas homoeróticas, vestígios, memória.

6 REFERÊNCIAS

CARELLA, Tulio. Os Diários de Tulio Carella, Recife, 1960. São Paulo: Opera Prima

CARVALHO, Aria do Socorro S. Nova onda baiana: Cinema na Bahia (1958-1962). Salvador: Edufba, 2002.

CLEMENTE, Anselmo. O automóvel e o rapaz, notas sobre a pegação masculina na cidade. Artigo do Núcleo de Subjetividade do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016.

DANIEL, Herbert. Os Anjos do Sexo. In: MICCOLIS, Leila; Daniel, Herbert. Jacarés e lobisomens: dois ensaios sobre a homossexualidade. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983. p. 13-68.

DANTAS, Eduardo. Uma praça chamada República. Lampião, Rio de Janeiro, ano 2, n. 13, jan. 1979. In:

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008. In:

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. Rio

de Janeiro: Forense, 2007.

_____. Arqueologia de uma Paixão. In literatura e pintura, música e cinema. Org. Manoel Barros da Motta: tradução, Inês Aufran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_____. Da amizade como modo de vida. Gai Pied, nº 25, p. 38-39, abr. 1981. Disponível em <http://www.portalgens.com.br/portal/imagens/stories/pdf/amizade>. Acesso em 30 de julho de 2016. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty. J. Daniel e J. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento.

_____. O saber gay. Tradução de Eder Amaral e Silva e Heliana de Barros Conde Rodrigues. Revista Ecopolítica, n. 11, jan-abr, 2005. pp. 2-27.

GATTI, José. Chiaroscuro. Glauber Rocha in Claro. Universidade de São Carlos, 2005. Concordia University, Montreal, Canadá, 2005.

_____. José. Barravento: a estréia de Glauber. Florianópolis. Ed. Da UFSC, 1987.

GREEN, James Naylor. Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

HOCQUENGHEM, Guy. A Contestação homossexual. São Paulo: Brasiliense, 1980.

LINS, Daniel. O homoerotismo nas telas. In: O dedo no olho: micropolíticas do cotidiano. São Paulo: Annablume, 1999.

LOPES, Denílson. O homem que amava rapazes e outros ensaios. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

MACHADO, Jr. Rubens. O Pátio e o cinema experimental no Brasil: Apontamentos para uma história. Castelo Branco, Edward de Alencar (org.). In: História, cinema e outras imagens juvenis. Teresina: EDUFPI, 2009, pp. 11-24.

MACIEL, Luiz Carlos. Entrevista realizada no Rio de Janeiro, em 14 de junho de 2015.

_____. Luiz Carlos. Geração em Transe: memórias do tempo do tropicalismo. Apresentação e colaboração de Angela Chaves. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

MAFESSOLI, Michel. O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. Tradução de Rogério de Almeida e Alexandre Dias. São Paulo: Zouk, 2003.

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo: Editora Fundação Perseu Adramo, 2008.

REBECHI, Arlindo Jr. Glauber Rocha, ensaísta do Brasil. v. 1. São Paulo. Dissertação de doutorado apresentada à Universidade de São/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2011.

ROCHA, Glauber. Revolução do Cinema Novo. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

_____. Revisão crítica do cinema brasileiro. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

_____. O sékulo do kynema. Rio de Janeiro: Alhambra, 1983.

ROCHA, Paloma; PIZZINI, Joel. Documentário Glauber Rocha – Retrato da Terra, 2004.

SANTIAGO, Silviano. O homossexual astucioso. Comunicação proferida no Center for Gay and Lesbian Studies, da Universidade de Nova York. Mimeo, 1998.

SANTOS, Milton. O Centro da Cidade de Salvador: Estudos de Geografia Urbana. 2ª ed. São Paulo: Editora da USP; Salvador: Edufba, 2008/1ª ed. 1959.

SARMIENTO, Guilherme. A Cruz na Praça: o homoerotismo segundo Glauber. Caderno de Cinema, s.d. Disponível em:
<http://cadernodecinema.com.br/blog/a-cruz-na-praca/>. Acesso em 19 jan. 2016.

PIZZINI, Joel. Entrevista realizada no Rio de Janeiro, em 17 de outubro de 2016.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. In: Cadernos Pagu (28), janeiro-junho de 2007. (p. 19-54)

TREVISAN, Silvério. Devassos no Paraíso. A homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade. 2ª ed. São Paulo: Max Limonad, 1986.